



## UM LIVRO DE JOAQUIM PIMENTA

— EVARISTO DE MORAES FILHO —

**H**Á duas espécies de mentalidades na vida: uma de ida, outra de volta. Na primeira, sentimos que o indivíduo ainda se encontra numa fase hesitante de formação da sua personalidade, de coleta de dados para a cristalização definitiva da sua cultura e da sua concepção do mundo e da vida. Na segunda, pelo contrário, todo o trabalho cultural já se encontra estratificado, definitivamente ultimado, como alguém que termina um balanço financeiro sem o esquecimento de nenhuma parcela essencial, tudo foi levado em conta. Os exageros do fanatismo; as intolerâncias dourinárias ou religiosas pertencem à primeira categoria de mentalidades. E o pior é que há pessoas que permanecem sempre numa atitude de ida, sem chegarem nunca àquele estado de serenidade diante do universo. São como os bolos que não atingem nunca um estado ótimo e ficam "solados". Na segunda fase, sente-se o movimento livre de quem ultrapassou etapas provisórias, necessárias sem dúvida, mas como caminho para um plano mais elevado.

Joaquim Pimenta, o velho mestre de Sociologia, de Filosofia, de Direito e de Economia, se encontra nesta segunda fase. À custa de muita leitura e de muita meditação, conseguiu alcançar um estágio de equilíbrio admirável entre todas as partes da sua imensa cultura geral. O antigo ardor combativo, este não desapareceu, vê-se a olho nu por baixo dos assuntos mais abstratos, mas é um entusiasmo de simpatia e de criação alegre e espontânea. Nada tem de contundente, nem de agressivo como o trabuco da força bruta dos adeptos de certos credos políticos ou religiosos.

Queremos nos referir ao livro do Prof. Joaquim Pimenta, aparecido há pouco, sob o título de **Enciclopédia de Cultura**. Trata-se de um grosso volume, escrito em estilo de vocabulário ou dicionário, com cerca de setecentos verbetes. Mas, ao contrário dos vocabulários conhecidos, em que os verbetes nada mais encerram do que um simples e curto enunciado, impessoal, inexpressivo, seco e murcho como uma ave empalhada; Pimenta fez de cada verbete um pretexto para ensaios autônomos e independentes, mais ou menos longos, às vezes com algumas páginas de extensão. Aí então é que surge em plena luz a vastidão de sua cultura, o domínio espantoso dos vários departamentos das ciências humanas. Nada lhe é estranho nas chamadas ciências morais ou culturais, tendo por centro unificador a Sociologia. Tudo foi lido e meditado, dissolvido na sua própria concepção filosófica do mundo e da sociedade.

Trata-se, evidentemente, de um livro de fôlego, desses de longo vão, que não costumam ser comumente escritos no Brasil. Caso se tratasse de um poema modernista ou de uma novela superficial, não faltaríamos os elogios fáceis dos rodapés. Mas, infelizmente, a crítica de idéias entre nós, sob a forma de ensaio, vai escasseando cada vez mais, dando lugar a um simples impressionismo de grupo. Homens como Pimenta, que ficam fora das igrejazinhas, abertos a todas as correntes e a todas as escolas, não encontram já preparada a cômoda rede de elogios mútuos, com que se tecem as recíprocas homenagens de certos plumitivos.

Se desde os tempos longínquos do seu querido Ceará e do não menos querido Pernambuco — onde casou e fez os seus primeiros concursos universitários — vinha Joaquim Pimenta se desdobrando em vários setores, como quem combate em várias frentes, num verdadeiro trabalho de análise cultural, nessa sua última obra, pelo contrário, estamos diante da síntese mental de uma vida inteira, onde predominam as forças centrípetas, reunindo num todo unitário as diversas peças daquele mosaico primitivo.

Seria impossível, neste recanto de revista, dar uma noção completa e crítica do livro de Joaquim Pimenta. Aí fica, no entanto, um simples registro, que é um ato de justiça para um autor e um livro que honram, sem dúvida, a cultura nacional.